

PRÁTICAS DE CURA NO TERREIRO DE MÃE MARIA JOSÉ DA SILVA MATOS.

Gilda Portella Rocha¹
Lidiane Alvares Mendes²
Tharles Figueiredo de Araújo³

Resumo: Dor é dor, muitas vezes nascida do emocional e refletida no corpo físico, guardião de memórias ancestrais. Práticas como benzimentos, pajelanças e uso de ervas são terapias afro-ameríndias que promovem reconexão com a natureza e a integralidade do ser. No terreiro de umbanda da Mãe Maria José, em Cuiabá/MT, a cura é gratuita e baseada na unicidade do ser. A proposta analítica foca na transcendência e no bem viver como cura integral.

Palavras-chave: Religião, Umbanda e Plantas Medicinais

1. Introdução



Foto 01 (arquivo pessoal de Gilda Portella) - Altar principal do terreiro, decorado para a festa de São João Batista realizada em 24 de junho de 2023

¹ Sacerdotisa de umbanda, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na linha de pesquisa Epistemes Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso. Membro do LATINAS- Grupo de Pesquisa sobre Decolonialidade, Trabalho e Cuidado do CNPq. ORCID: 0009-0000-3824-0438. E-mail gildaportella.art@gmail

² Discente do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na linha de pesquisa Epistemes Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso. Membro do LATINAS- Grupo de Pesquisa sobre Decolonialidade, Trabalho e Cuidado do CNPq. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. ORCID: 0000-0002-3166-9917. E-mail: lidianemendes2@hotmail.com

³ Sacerdote de Umbanda, discente do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na linha de pesquisa Comunicação e Mediações Culturais da Universidade Federal do Mato Grosso. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: t.figueiredo123@hotmail.com

“Peço bença aos meus mais velhos, especialmente a vó Maria, a Pai Jeremias, a Vó Bahiana e aos mais novos, saúdo todos os santos e orixás do altar, peço licença aos Exus guardiões protetores/mensageiros e a todos os que vieram primeiro, para adentrar esse território sagrado”. *“Defuma com as ervas da Jurema, defuma com arruda e guiné. Benjoim, alecrim e alfazema, vamos defumar filhos de fé. (...)”*

Iniciamos essa breve narrativa como numa gira⁴ do terreiro, apresentamos o pedido de benção e o refrão de um dos pontos de defumação, que são um dos muitos saberes basilares para o curandeiro ou umbandista abrir a sessão de benzimento. No início, são evocadas a força das ervas da Jurema⁵, em seguida nomeiam-se ervas e plantas medicinais de poderes mágicos e curativos: arruda, guiné, benjoim, alecrim e alfazema. É sabido que as ervas estão no cotidiano das civilizações a tempos imemoriais, e no Brasil, os ameríndios e a população afro-brasileira, usam-nas com maestria, em seus saberes e fazeres, na defumação, benzimentos, chás, banhos, emplastos e sacudimentos⁶.

Pedir benzimentos, banhos e tomar chás é prática cultural e social que sobrepõem às religiões tidas tradicionais. A necessidade do benzer é uma constante dos adeptos dos terreiros, e reconhecida a eficácia da sabedoria das benzedeiros que nos quintais, cultivam remédios para as dores da alma e do físico, numa busca singular e pessoal que permeia o visível, pois dor é dor! O invisível sangra, atormenta, aflige o corpo, guardião de memórias ancestrais. São muitos os que entram em crise identitária, emocional e cognitiva, a vida na contemporaneidade

⁴ Gira em Lopes (2000, p.235 e 236) “1.Cada reunião ritual de umbanda constitui uma sessão ou gira. Antes de cada uma delas, o pai ou mãe de santo acende velas diante da senzala dos pretos velhos, do cruzeiro das almas e do assentamento dos exus, colocando neste um pouco de marafo, aguardente. 2. Feito isso, será realizada a defumação com ervas aromáticas, para purificar, pela fumaça, o ambiente e o público presente, livrando-os das cargas negativas. 3. Concluída a defumação, chamam-se os filhos de santo para o salão, para onde devem ir sempre vestidos de branco e de pés descalços. (...) A entrada no terreiro e seguida pelo cumprimento da casa de exu, do peji (altar) e da mãe de santo, reverencia os atabaques e demais filhos da casa, abrindo os trabalhos a mãe de santo informa a que linha de trabalho ou orixá será dedicada a gira. Após as orações de abertura, saúda os espíritos da gira e/ou os orixás com cânticos. Só então ocorrem as incorporações.

⁵ Apoio em Simas e Rufino (2018, p. 81 a 87) ao ampliar aqui o termo jurema para abarcar tanto o poder da bebida sagrada feita da árvore jurema branca (utilizadas nos rituais de pajelanças tupi, catimbós, candomblés de caboclo, Xangô do recife e linhas da umbanda), quanto para nomear o reino de juremá (lugar de reinos, aldeias e cidades místicas que acolhe os mestres desencarnados que em vida desenvolveram habilidades no uso de ervas curativas); também refere-se à linha de Caboclos da Jurema (espíritos indígenas que conheceram em vida as artes da guerra e da cura), auxiliam nos trabalhos dos mestre juremeiros e da umbanda. A jurema é muito usada na linha de cura, fortalecida por cantos de evocação. São belezas das culturas que circulam de forma dinâmica, se redefinindo potentemente. O malandro (referência a Zé Pilintra), é personagem que transita, cruza e se adapta, são nesses aprendizados dos cruzos/encruzilhadas e reinvenção da vida, nas frestas, que pretendo evidenciar, essa rede de sabedorias cosmopolitas de diversos fios propulsora de outras textualidades/estéticas, poéticas e políticas. O texto afirma que jurema é ciência encantada que se apresenta como uma nova epistemologia que nos ajudará a fazer o giro decolonial, problematizando a colonialidade do ser, do poder e do saber.

⁶ Sacudimento ou “bate folhas”, junta-se uma porção de galhos/ ramos ou folhas de alguma erva aromática/ planta medicinal segura-as com as mãos e vai movimentando-as no ambiente como se estivesse varrendo e ou batendo as folhas no espaço físico, as paredes, os moveis ou pessoas; bate-se as folhas na direção – de cima para baixo e de dentro da casa para fora, se a intenção for limpar, remover energia/doenças, e o inverso de fora para dentro da casa se estiver chamando prosperidade, boa-aventuras, etc...

agitada, anônima, levando-os a procurarem rezas, cânticos, plantas medicinais, rituais, pajelanças, macumbas, benzeduras e bênçãos, que lhes podem trazer alívios aos sofrimentos cotidianos.

São práticas culturais, mágicas, milenares, trazendo eficácia terapêutica dos rituais afroindígenas (sabedorias, fazeres e dizeres com múltiplos encantamentos e entrecruzamentos), numa escuta acolhedora, criando laços afetivos, (re) conexões com a natureza, a sociedade e o “eu interior”, numa cosmopercepção do processo de cura, saúde e doença. Induz o autocuidado continuado e a integralidade do ser. Plenifica o físico, mental, emocional, espiritual, reintegrando o ser ao ambiente social; e nos convidam na proposta analítica de focarmos na transcendentalidade da cura e do bem viver.

As características da dor, do curar, do benzer e bendizer aqui apontadas são cotidianas na Tenda Umbandista Centro Espírita Pai Jeremias - Seara de Vó Baiana, fundada em 08 de dezembro de 1978, que acolhe de segunda a sábado, gratuitamente; gente do povo, sem distinção de raça, cor, classe econômica ou política, no espaço de cura e benzimentos. Atendimentos individuais em sincronidade atraídas pela essência de cada ser.

Daí necessário a manipulação de raízes, frutos, flores, sementes, cascas, ervas. As mais conhecidas são: arruda, alecrim, pião-roxo, folha de pimenta, de mangueira, guiné, espada de São Jorge, quebra-demanda, carrapicho, mastruz etc. Alguns rituais pedem velas, moedas, minerais, bebidas, fitas, panos, orações, pontos cantados e riscados. A escolha de cada caminho de cura, repousa no coração, no hálito (axé) e na mente da sacerdotisa da casa guardiã dos mistérios, encantos da fé e conta com auxílio dos guias espirituais e das seguintes linhas de trabalhos: Pretos (as) velhos (as), Caboclos (as), Boiadeiros (as), Baianos (as), Ciganos (as), Crianças (Erês), Marinheiros, Malandros (as) e Exus e Pombas giras. É para este tempo de práticas e saberes de Mãe Maria José da Silva Matos, em seu território, que este artigo observa, na polarização do conhecimento umbandista através das benzeduras e curas, acolhendo e servindo no amor da fé.

2. Mãe Maria José da Silva Matos: uma vida de fé.

Vó Maria⁷, médium de nascimento, educou aptidões e sensibilidades psíquicas com outra mãe de santo mais experiente e chefe de terreiro. Aí vemos a marca do pertencimento, pois

⁷ Maria José da Silva nasceu em 11 de abril de 1939 no bairro Terceiro Velho em Cuiabá/MT, filha de João Cassiano da Silva e Laurinda Rufino da Silva.

ambas são do mesmo bairro⁸, e do reconhecimento - a boa rezadeira, é eficaz no diagnóstico da doença, realiza as rezas⁹ e cura os males -, da oralidade¹⁰ aprende-se as rezas, ouvindo-as, vendo os materiais utilizados, o gestual, onde tudo é vivenciado cotidianamente, aprendizado que é degustado, sentido, corporificado na alma e nos gestos.

Vó Maria assimilou ensinamentos e princípios, intuitivamente, em visões, sonhos e dialogando diretamente com caboclos e preta-velhas, numa paranormalidade conhecida como dom divino: “Deus lhe deu”! Em princípio sentia-se nova, imatura, para a envergadura do trabalho e suas responsabilidades. Postergou-o, apreciando as rodas de samba e o carnaval; adiou atendimentos, rezas e benzeções. Casou-se, dedicou-se aos filhos; a viuvez marcou-a profundamente, levando-a à retomar as práticas dos benzimentos, “ [...]. Assimilou os princípios da Umbanda diretamente deles, pois não existiam livros. Seus professores: Caboclo Serra Negra e Maria do Balaio”. (Campos, D. G. e Altimari, G. 2021, p.5)

⁸ Aos 14 anos, iniciou o exercício da mediunidade no Terreiro São Sebastião de Dona Moemia, no bairro onde nasceu

⁹ A Oração - 1. Para que a palavra produza plenamente seu efeito, é preciso que seja **recitada ritmicamente** porque o movimento tem necessidade de ritmo, já que ele mesmo é buscado no **segredo dos números**. É necessário que a palavra reproduza o vaivém, que é a essência do ritmo. **A palavra, cantada ou recitada, deve ser a materialização da cadência**. Sua harmonia cria movimentos que mobilizam as forças que atuam sobre os espíritos, os quais são as potências da ação. 2. **Quando adquire o poder de agir sobre as forças espirituais, a palavra torna-se oração**. Mediante a oração busca-se **evitar o perigo, reparar ofensas, impedir a desagregação, garantir solidariedade e ajudar na obtenção de saúde, paz e prosperidade**. 3. Pode-se orar falando, cantando ou dançando; e também em voz baixa ou até mesmo aos gritos. Assim disse Mveng. (Lopes, 2000, p. 32) **Grifos nossos**

¹⁰ Para Lopes, 2000, p. 30, 31, **a tradição oral, que não se limita aos contos e lendas nem aos relatos míticos e históricos, é a grande escola da vida, recobrando e englobando todos os seus aspectos**. Nela, o espiritual e o material não se dissociam. Falando segundo a compreensão de cada pessoa, **ela se coloca ao alcance**. 3. A tradição oral é, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, aprendizado de ofício, história, divertimento e recreação. Baseada na prática e na experiência, ela se relaciona à totalidade do ser humano e, assim, contribui para criar um tipo especial de pessoa e moldar sua alma. (...) 5. A transmissão oral do conhecimento é **o veículo do poder e da força das palavras, que permanecem sem efeito em um texto escrito**. O conhecimento transmitido oralmente, pelo **Verbo atuante, tem o valor de uma iniciação, que não está no nível mental da compreensão, porém na dinâmica do comportamento**. Essa iniciação é baseada em reflexos que operam no raciocínio e que são induzidos por impulsos **nascidos no fundamento cultural da sociedade**. (...) 10. **O conhecimento transmitido oralmente, pelo Verbo atuante, deve ser passado, do mestre ao discípulo**, por meio de sentenças curtas, baseadas **no ritmo da respiração**. 11. A palavra, que tira do sagrado seu poder criador e operativo, está em relação direta tanto com a manutenção quanto com a ruptura da harmonia, no ser humano e no mundo que o cerca. (...) O texto segue afirmando que a palavra é divinamente exata, sendo agente mágico por excelência e grande transmissora de força, assim a palavra é o Verbo; conclui é o sopro animado que tem a virtude mágica de realizar a lei da participação, ela tem o poder criador, a função de preservar e destruir.



Foto 02 - (acervo pessoal de João Almeida) – Yalorixá Maria José da Silva, no interior da Tenda Umbandista Centro Espírita Pai Jeremias. Essa foto compõe o livro **Rituais da Umbanda: velas e símbolos**, coordenado por Gilda Portella, publicado em 2021.

Nesta época atendia na sua cozinha, após o serviço de merendeira na escola estadual. A eficácia e acolhimento, trouxeram reconhecimento e o passar dos anos e a procura maior pelos atendimentos, trouxeram a ampliação do terreiro através de familiares, amigos e assistidos. Os rituais e as práticas de benzimentos são dinâmicas, numa veiculação de crenças, valores, conhecimentos, amalgamando relações sociais, culturais, religiosas, saneando conflitos e dores. Sabemos que as constantes transformações sociais, econômicas e culturais, refletem-se nas práticas religiosas, nos saberes, que são repensados, atualizados, reconsiderados dentro das estruturas e dinâmicas dos preceitos umbandistas. Assim alguns conhecimentos se renovam e outros se perpetuam.

Mãe Maria, é a prova viva do redescobrir, do recriar, do pertencimento e das consagrações de terreiro e preceitos da umbanda, enquanto rezadeira, benzedeira, cantando seus pontos, proporcionando acolhimento e cura.

“ Rezo para agradecer o sol, o dia. Rezo para agradecer a lua e a noite. Se reza para quebranto, dor de cabeça, dor de dente, dor de barriga, dor de joelho, a quebradura ¹¹se costura com agulha. Benze de mordedura de cobra, contra olho grande, contra mal olhado, intestino virado, e outras orações dependendo do tipo de pessoa e da doença. Benze de amarelão. Faz oração para coisa que some. ” (Entrevista com Vó Maria realizada no Centro Espírita Pai Jeremias em 12 de novembro de 2023)

¹¹ Santos, 2018, p 90 (...) o ritual denominado de carne triada ou de coser é justamente o nome do que causa esse mal. São luxações no corpo causadas por pancadas, quedas, escoriações que venham lesar os tendões, músculos e nervos. Esta reza não serve para curar fraturas, acrescenta a rezadeira. (...)

3. Benzimentos.

A palavra “Benzer” vem do latim bene dicere, que significa bendizer, dizer bem de alguém e fazer o bem. Benzeadeira é o feminino de benzedor que grosso modo significa, “*aquele (a) que benze através de gestos acompanhado de ervas e rezas*”. “[...] As benzeadeiras são consideradas como uma cientista popular a qual possui características próprias de curar, unindo o misticismo da religião junto aos conhecimentos da medicina popular (Calheiros,2017 apud Oliveira,1985) ”.

Os benzimentos são práticas socioculturais e religiosas, tecnologias curativas que expressam uma poética, uma estética, vinculadas em certa medida ao cristianismo popular, com fortes imbricações e conexões com as vivências das populações afro-brasileiras e ameríndias, quem as realiza são chamados de rezadeiras, curandeiros¹² e/ou benzedores. Essas funções vão muito além de efetuar orações, as pessoas que exercessem tais sabedorias consagram-se em cuidados, orientações na educação dos filhos, aconselham em questões psicoemocionais, espirituais, matrimoniais, patrimoniais, veem o ser humano na integralidade de corpo e alma, esse em comunhão e troca com os elementos da natureza (pedreiras, cachoeiras, rios, matas, animais, sol, lua, chuva). Cada atendimento é único, há uma simbologia curativa para cada particularidade respeitando a unicidade do ser naquele momento de tempo e espaço, valorizando-se o poder do agora.

A Benzedura é a cura de diversos males através de rezas e orações, ramos verdes, remédios naturais, rituais de cura, entre outras formas. Está presente em todo território brasileiro, são práticas ligadas às religiões e a modos de fazer tradicionais de cada região, podendo assumir diversas formas, mas todas facilmente reconhecidas sob o título de benzeduras. (Andrade, 2019, p. 20)

As práticas umbandistas e magísticas estão impregnadas no cotidiano das comunidades periféricas de Cuiabá, nas classes fragilizadas, longe do sistema de saúde, sem alcance da

¹² Santos, 2018, p.24 (...) **o curandeiro** é um membro das classes populares de cujo modo de vida e de pensamento ele participa. Posteriormente trás os conceitos de **benzedor e curador** elaborador por Loyola (1984:94). A rezadeira em seus rituais, usa somente rezas do catolicismo, é caridosa, não roga praga e frequenta a Igreja Católica, ou seja, limita-se a rezar e fazer cruzes na cabeça do cliente. Enquanto a curandeira e a feiticeira, se utiliza de trajes especiais, se revestem de gestos, usam implementos religiosos como cálices, garrafas com cobras mergulham em álcool, velas acesas, rosários, santos. (...) as feiticeiras transmitem um aspecto de mistério. Um exemplo é o caso de dona Rita de Ramim, que afirmou receber caboclos brabos. Na sala da sua casa, há um altar com várias imagens; entre elas, a de Nossa Senhora Aparecida, com meio metro de altura, jarros com flores artificiais, copos com água e velas brancas. (...) ela não era rezadeira, uma vez que rezadeira não recebia espirito. (...). O autor finaliza sempre que estiver tratando destas duas categorias de entendimento, a perspectiva da situacionalidade estará como pano de fundo. A diferenciação de feiticeira e rezadeira é uma dinâmica que pode mudar conforme a política, as distinções de identidade, os conflitos e interesses internos. (Idem, p. 41,42 e 43)

proteção jurídica e dos dispositivos de poder, buscam ali apoio e atendimento das necessidades, daí a importância das parteiras, benzedoras e curandeiras: benzer, receitar remédios para animais domésticos, para cura de enfermidades, acompanhamento às parturientes e recém-nascidos; reaver objetos perdidos, roubados ou furtados, orientações e proteção em negócios, consultas sobre viagens e relacionamentos amorosos, início e fim de casamentos, afastar animais peçonhentos e insetos, proteção contra o fogo, raios, tempestades e ataque de animais selvagens. Há uma infinidade de simpatias, amuletos, patuás, garrafadas, raizadas, porções e banhos eficazes para fechar o corpo, curar enfermidades e encomendar as almas.

Compreendemos que as sabedorias de benzeções, rezas e cantos, foram ao longo do tempo sendo perpetuados através de obras que foram publicadas por conhecedores destas práticas. Veja-se Molina, que traz em *“O Antigo Livro de São Cipriano: o gigante e verdadeiro capa de aço”*, outras orientações e aplicações que são utilizadas por vó Maria,

“[...] na parte das orações vale destacar: oração para fechar o corpo contra os males, oração para quebrar dificuldades e embaraços em negócios, para êxito em negócios difíceis, contra vícios, contra a pobreza, para afastar más companhias, contra feridas benignas ou malignas e cancerosas, contra hemorróidas, para preservar gado ou rebanho de pestes ou pragas, contra estiagens prolongadas, para que caiam chuvas, contra todos perigos e ciladas de inimigos, solução de negócios, situações difíceis e questões judiciais, contra guerras e revoluções, contra feitiçarias, bruxedos, malefícios e práticas diabólicas, contra hérnias, contra chagas, feridas e doenças contagiosas, proteção contra desastres, terremotos, proteção das mulheres grávidas contra acidentes na gravidez, protetora das mães de família contra os abortos, para obter a paz e a concórdia entre os homens, preservar dos males da peste, das guerras e revoluções, contra raios e coriscos, para exorcizar o demônio do corpo, há um leque de utilidades e finalidades de orações”. (Molina, s/d, p. 3 e 4)

Além das obras publicadas que contribuem nos benzimentos e rezas, há também as orientações que são dirigidas pelos guias espirituais; há orações católicas e outras da oralidade com os mais velhos em longos anos de atendimentos. Como vimos em Molina há benzimentos para as múltiplas doenças e uma infinidade de males, que tanto afetam as doenças do corpo, psicoemocionais, a esfera espiritual e fenômenos ambientais, sociais que estão fora da gerência individual. Em Souza, lemos que o

“[...] porque estavam associadas a esta categoria, diversas perturbações, tais como, depressão provocada por stress, sofrimento causado por doenças, casos amorosos, brigas familiares, alcoolismo e desempregos. Nesse caso, “males que estão relacionados com as condições de vida- sociais econômicas – e as perturbações doenças, sofrimento e aflições. (2018, p. 54)

As benzedeadas usam a tríplice relação: crença do doente, a crença da coletividade e a própria crença do feiticeiro para explicar o processo curativo. Ao ouvir as queixas, a benzedeadinha acolhe a fala, os sentimentos, as dores do paciente gerando o estreitamento dos laços afetivos, reforçando a confiança e a empatia, buscando em seu entendimento as rezas de acordo com as demandas do indivíduo.

4. Doenças da alma que afetam o corpo físico: as ervas e seus usos e práticas.

As doenças da alma que afetam nosso corpo físico não são males da contemporaneidade, pelo contrário, desde que se tem conhecimento dos escritos da medicina popular, as dores da alma que invisíveis são descritas nos tratados deixados por médicos, benzedores e rezadeiras. Porém, os séculos XX e XIX, acentuaram os vazios emocionais, o turbilhão de pensamentos que nos cercam, a toxicidade dos ambientes em que vivemos, a constante impressão de estarmos no olho do furacão, faz com que o desequilíbrio emocional se sobreponha em nossos axiomas, tornando-nos doentes da alma que afetam nosso corpo físico.

Dores de estômago, de cabeça, musculares, sensação de calafrios, tonturas, vômitos, insônia, medo, aflição são sinais preliminares de que doenças mais sérias estão por vir: depressão, ansiedade e síndrome do pânico. Ao sentirmos tais desconfortos, sempre recorreremos a confortos espirituais para nos alinharmos espiritualmente, reequilibrarmos nossas energias. É neste contexto, que as rezas e benzeções ajudam a confortar e acomodar sentimentos, através das rezas, dos cânticos e pontos, dos gestos ervais, que falados em tom de oração estimulam nossos sentimentos de bem-estar e reconecta com pensamentos de bondade em si.

A utilização de plantas e ervas medicinais e tudo que implica curas e benzimentos está para o homem desde o nomadismo humano ao sedentarismo. Da China à África, dos povos da Oceania à América, da antiguidade aos dias atuais, as ervas são e estão presentes na vida dos seres humanos, sendo a partir de suas propriedades utilizadas para as curas de pajelança, tratados farmacológicos e fitoterápicos, como nas práticas de benzimentos, para dores físicas e emocionais.

Sabemos que as ervas possuem componentes químicos capazes de atuar no organismo promovendo o bem-estar e possíveis curas. Para as práticas de curas emocionais, as ervas agem como defumação da alma doente, ao ser benzido o indivíduo sente alívio e proteção espiritual, em Aguiar (2009, p.56), lemos que “[...] a prática da benzedura além de estar presente como expressão de fé, se torna também um fator chave para a questão da saúde, pois acontece através do conhecimento e também do manejo de plantas medicinais [...]”.

Para a ação do benzer, é necessário o conhecimento não somente religioso na entonação dos cantos, rezas e pontos cantados, mas também o conhecimento empírico do uso de cada erva, para

cada aflição, dor e causa emocional na qual fora a benzedeira procurada. Neste sentido e ao que tange esta reflexão, as plantas medicinais mais indicadas por Vó Maria, para manipulação no processo terapêutico, rezas de cura, chás ou banhos eram colhidas nos quintais do Bairro Dom Aquino, e são: arruda (*Ruta graveolens*), manjerição/alfavaca (*Oimum minimum, L.*), hortelã/hortelão (*Mentha viridis*), erva-cidreira (*Melissa officinalis*), alecrim (*Rosmarinum officinalis*), pinhão branco (*Jatropha pohliana*), pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia L.*), espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*), guiné (*Petiveria tetrandra*), comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia seguine*).

Cabe ressaltar que, dentro da multiplicidade de saberes e compreensões de ervas, ressaltamos aqui as práticas usadas no terreiro Pai Jeremias por Vó Maria, as quais nos atentamos em descrevê-las abaixo. Salientamos que dentro do Universo de ervas e plantas medicinais tantas outras são usadas para as mesmas ações das aqui citadas.

4.1 Quadro de Ervas

Ervas Populares:	Nome científico:	Ação (benzimento):
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Curar quebranto Tirar olho-gordo (inveja) Afastar energias negativas
Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i>	Retirar energias negativas Afastar espíritos obsessores Curar fortes dores de cabeça
Piã-Roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i>	Limpar energias negativas Desmanchar Maldições Livrar de perigos ocultos
Folha de Pimenta	<i>Capsicum</i>	Secar feridas Curar cobreiro Afastar invejas e mau olhado
Folha de Manga	<i>Mangifera indica</i>	Abrir caminhos Limpar energias negativas Atrair prosperidade
Guiné	<i>Petiveria tetrandra</i>	Afastar energias negativas
Espada de São Jorge	<i>Dracaena trifasciata</i>	Proteção Abrir caminhos Vencer inimigos
Quebra-demanda	<i>Justicia gendarussa</i>	Limpar quizilas espirituais Abrir caminhos Desfazer amarrações
Carrapicho	<i>Cenchrus echinatus</i>	Curar quebranto

As chamadas “ervas populares” citadas no quadro acima, são conhecidas e utilizadas cotidianamente pela comunidade religiosa. Demonstrando, diferentes ramificações de usos, práticas

e sentidos. Desta forma, em alguns casos, parte das ervas utilizadas em hábitos de benzimentos também são convertidas em receitas de chás e garrafadas para cura de problemas físicos, um exemplo rotineiro é a utilização do chá da arruda para tratamento de mulheres que sofrem com fortes dores menstruais. Em uma outra perspectiva, no interior do terreiro, as ervas também são associadas e divididas enquanto pertencentes a força e magia dos orixás.

5. Considerações Finais.

Práticas de cura através das benzeções realizadas no terreiro de Pai Jeremias, por Vó Maria, na cidade de Cuiabá/MT, em atendimento individual, por meio de cânticos, rezas e gestos ervais que amenizam as dores emocionais de indivíduos em condições cognitivas de dores que sangram a alma. Passes de bênçãos consagram no popular a mística de tratamentos realizados por benzedeadas e suas múltiplas práticas de saberes e fazeres.

Neste universo que transcende o religioso, as dores do espírito e da alma, que invisíveis aos olhos ferem e machucam e que são pelos gestos de benzeduras acalmados, confortados em palavras de fé, de amor e de empatia. É neste cenário que esta reflexão se inseriu, em compreender pela voz que ecoa do terreiro de Pai Jeremias, sobre a batuta de Vó Maria, as benzeduras ervais e suas práticas de cultura, em um cotidiano umbandista de cultura afro-brasileira que serve a todos sem distinção.

É neste contexto de desmistificação que somar e polarizar as práticas exercidas no terreiro e/ou nos terreiros espalhados pelos territórios nacionais é de suma e salutar importância, tendo em vista que benzer, rezar, cantar é sobremaneira reconectar-se com o transcendente que existe em cada indivíduo.

6. APÊNDICE

Entrevista concedida a Gilda Portella Rocha e Tharles Figueiredo Araújo, em 12 de novembro de 2023, no terreiro Pai Jeremias, na cidade de Cuiabá/MT. Com início às 9h e término às 12h. Transcrita em 20/11/2023.

Entrevistada:

1. Vó Maria quais são as rezas e benzimentos mais utilizados no terreiro Pai Jeremias?

“ Rezo para agradecer o sol, o dia. Rezo para agradecer a lua e a noite. Se reza para quebranto, dor de cabeça, dor de dente, dor de barriga, dor de joelho, a quebradura se costura com agulha. Benze de mordedura de cobra, contra olho grande, contra mau-olhado, intestino virado, e outras orações dependendo do tipo de pessoa e da doença. Benze de amarelão. Faz oração para coisa que some.

2. Quais as plantas utilizadas nesses atendimentos? Para que serve e que partes, e como se usa tais ervas?

Fedegoso- uso para benzer quebrante.

Arruda - também serve para quebrante. É muito bom para tira “mãe do corpo”- quando a mulher ganha nenê, ajuda os órgãos voltarem para o lugar.

Rosa Branca - tanto serve para quebrante quanto para dor de cabeça.

Erva Tostão – serve para quebrante brabo, passo ele no fogo e daí uso para **benzer**.

3. Poderia citar uma oração e como são feitos os gestos/ procedimentos?

Cobreiro: corta com a faca. Benze cortando com a faca.

Nervo do joelho: é com agulha e novelo de linha, vai rezando, como quem está costurando. (Faz o movimento com os dedos da mão como se estivesse segurando uma agulha com linha e executando os movimentos das mãos, como se efetuasse pontos de costura sobre o joelho da pessoa).

Arca caída: pega um pano e tira medida, primeiro mede do dedo mindinho até o cotovelo, dobra essa medida no pano e só aí você vai medir a arca. (Coloca o pano abaixo dos seios, segura as duas pontas do tecido e mede a arca para saber se está aberta ou caída para dentro).

Vento virado: quem vai benzer faz o sinal da cruz e reza Pai Nosso e Ave maria, isso é para todas os benzimentos; faz cruz na boca do estômago (do paciente) sete vezes. Vento virado dá vomitação e a barriga fica inchada.

Oração Vento virado: faz o sinal da cruz 7 vezes dizendo:

“Deus é o sol, Deus é a luz. Deus é a lua. Deus é estrela, em nome de todos eles sai dessa filha (fala o nome da pessoa) toda a ventosidade, e que saia desse corpo. Reza Pai nosso e Ave Maria. Depois faz um chá de erva-doce forrado sem açúcar e bebe.

Outras vezes, dependendo do caso eu pego óleo de mamona passo na barriga da pessoa (movimenta as mãos circularmente em torno do umbigo), vou rezando, depois faço as 7 cruzes e rezo a oração de vento virado.

Arca caída: faz o sinal da cruz, reza Pai nosso e Ave maria. Põem o pano igual já expliquei. Depois fala assim: “Jesus quando pelo mundo andou muitas doenças ele curou, arca caída, peito aberto, Fé derramada, erguei Ó Senhor. ” Daí você suspende o pano na pessoa 3 vezes, reza até fechar a arca. Mede novamente. O pano tem que se encontrar certinho.

4. Quando, como e com quem aprendeu a benzer?

Um pouco com minha avó, o resto com os pretos-velhos. Foi com os guias ensinando.

5. Poderia citar um caso de atendimento que marcou a senhora?

Foi mordida de cobra, quando a pessoa chegou aqui tava ruim, peguei um pouquinho de querosene no algodão e foi benzendo, passando no lugar da mordida. Logo o preto-velho veio, em seguida ele chupou 3 vezes, encima do lugar da mordida e fez as orações dele. O preto-velho subiu (desincorporou) a pessoa estava boazinha. Neste tempo as pessoas não iam no médico só curava com benzição e oração.

6. Relação das dores da alma e quais ervas aromáticas (chás ou banhos) podem auxiliar atendimento terapêutico?

1. Crueldade/agressividade: muitas vezes a própria pessoa gosta de confusão, não ouve conselho, já outros só fazem o que querem, espírito não caça briga; é o gênio da pessoa se rezar então para o Anjo de guarda.

2. Orgulho/ compulsão: não respondeu.

3. Irresponsabilidade: não respondeu.

4. Crítica: não respondeu.

5. Ilusão: não respondeu.

6. Medo: Oração. Banho com casca de aroeira ou mama de porco. Cozinha a casca, côa, faz o banho na pessoa para acabar com o medo, (após o banho de higiene pessoal, joga o banho ritualístico do pescoço para baixo, espere secar naturalmente, enquanto joga o banho, o preparado, pede o que deseja e vai rezando). Pode também passar 3 vezes a pessoa em volta da árvore de aroeira, vai rodeando e rezando.

7. Preocupação: conversa com a pessoa, deixa ela desabafar. Só depois reza para Nossa Senhora do Desterro, para Nossa Senhora dá defesa, para tirar da cabeça dela a preocupação.

8. Vício de cigarro, bebida e jogo: depende da pessoa. A gente reza pedindo força para a pessoa larga do vício.

9. Solidão: não respondeu.

10. Culpa: muita vez a pessoa tem que pedir perdão para alguém. Fazer oração do perdão ajuda.

11. Mágoa/ infelicidade amorosa: chá e banho de lavanda. Rezar para Santo Antônio, para as pomba-gira, ou pede para o Santo de devoção da pessoa; outros tem que fazer trabalho.

12. Egoísmo/ Mesquinhez: não respondeu.

14. Baixa estima: chá e banho de canela; banho com rosa vermelha.

15. Rigidez: chá e banho de alfazema.

16. Ansiedade: chá de camomila, de colônia.

17. Perda: entes queridos, de bens material ou animais – quando morre alguém se a pessoa é médium ela muitas vezes, recebe aviso, sente, mas tem que ficar firme, para passar segurança para os outros. Reza durante 7 dias, porque, a pessoa que morreu muitas está por ali. Manda fazer missa, vai no cemitério ascender vela. E vai pedindo para quem morreu ir embora, e para quem ficou, a reza é para tirar o pesar, esquecer um pouco aquela dor, não é pra esquecer a pessoa.

18. Insegurança: chá e banho de louro, canela.

19. Repressão/ mutilações: não respondeu.

20. Depressão: depende se é espiritual ou física. Se for física muitas vezes, a pessoa não quer tomar banho, pentear o cabelo, aí tem que ir ao médico, no psiquiatra, fazer tratamento com psicólogo; tem chá de camomila, artemísia, rosa branca, maçã verde e alecrim. Tem que rezar,

mas ir no médico. Se for espiritual, alguma pessoa que morreu e encostou na pessoa tem que fazer trabalho.

21. Dependência física/ emocional/ mental/ espiritual: chá e banho de jasmim, flor de laranjeira.

22. Inveja: banho de abre caminho, arruda, qualquer erva. Pode ser também banho de anil, sal grosso e rezar. Tem que rezar.

23. Nervoso/ irritadiço: se for espiritual, oração e trabalho mais pesado; se for doença chá para acalmar, ir no médico.

24. Insônia: chá e banho alfazema, colônia. Chá de erva-doce.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, G.O. **Mulheres negras da montanha: as benzedeadas de Rio de Contas, Bahia, na recuperação da saúde.** Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 21, 2009.

ANDRADE, A. de. **O Movimento Aprendiz de Sabedoria (MASA): tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

CALHEIROS, K. R. J. de M. **A CURA ATRAVÉS DA FÉ: Um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas.** Universidade Federal de Alagoas. IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio Belo Horizonte/MG, 2017.

CAMPOS, D. G. e ALTIMARI, G. **Rituais da Umbanda: velas e símbolos.** 1 ed. Cuiabá, MT: Umannos Editora, 2021.

LOPES, N. **Kitábu: O livro do saber e do espírito negro-africanos.** Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2000

MOLINA, N.A, **Antigo Livro de São Cipriano – O gigante e verdadeiro capa de aço.** 9ª edição, S/D. Rio de Janeiro, RJ: Editora Espiritualista, Ltda.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das benzedeadas: um estudo sobre práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta – RN.** 2 ed. Porto Alegre: CirKula, 2018.

SIMAS, L. A. **Umbandas: uma história do Brasil.** 6 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

SIMAS, L. A. e Rufino L. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas.** 1. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2018.